

## MONUMENTO A CAXIAS, DE ANTONIO CARINGI: A MEMÓRIA EXISTENTE DE UMA OBRA “INEXISTENTE”

ISABEL HALFENDA COSTA TORINO<sup>1</sup>; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Programa de PósGraduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas – [bel.torino@hotmail.com](mailto:bel.torino@hotmail.com);*

<sup>2</sup>*Programa de PósGraduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas – [fabiovergara@uol.com.br](mailto:fabiovergara@uol.com.br)*

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte da pesquisa de doutoramento intitulada “A obra monumental de Antonio Caringi: narrativas e documentação”. A abordagem do texto é um recorte sobre o estudo de um importante projeto do escultor para um monumento que acabou não sendo concretizado em pedra e bronze. Entretanto, constitui-se em expressivo exemplo da obra de Caringi em que fica evidente o esmero e dedicação com os quais o artista “compunha” seus personagens e suas narrativas.

Nascido em Pelotas (RS) em 1905, Antonio Caringi tornou-se um dos principais artistas plásticos rio-grandenses do século XX, sendo considerado como o maior escultor no estado entre as décadas de 1930 e 1950 (GOMES, 2008). Com apenas 20 anos de idade, participou de importante mostra coletiva de arte, o primeiro “Salão de Outono de Porto Alegre”, em 1925, expondo suas obras entre artistas nacionais e internacionais já consagrados. Essa exposição rendeu o reconhecimento de críticos de arte e de agentes que detinham influência política, os quais encaminharam sua indicação para estudos na Europa, onde se formou como escultor na Academia de Belas Artes de Munique. Após formado, prosseguiu seus estudos em Berlim até retornar ao Brasil em 1940. Durante o tempo em que permaneceu na Europa estudou e conviveu com profissionais consagrados da escultura, executando diversos trabalhos que atenderam às encomendas de brasileiros e outros, que participaram de exposições na Alemanha.

Desde seu retorno ao Brasil até sua morte, em 1981, Caringi realizou vasta produção escultórica, incluindo projetos, estudos e monumentos efetivamente concretizados. Essa produção é estimada em aproximadamente 130 peças de variados tamanhos (PAIXÃO, 1988). Entretanto, julga-se que esse número possa ser maior, pela existência de obras que são ainda desconhecidas ou que não tiveram sua autoria atribuída ao artista.

Esse recorte da pesquisa teve como referência, dentre outros, autores como SÁ (1973), PAIXÃO (1988), ALVES (2022), TILL (2005). Trata do estudo do Monumento a Duque de Caxias, em Porto Alegre. O concurso público foi lançado em 1943, despertando o interesse de dez renomados artistas de várias partes do Brasil. Julgado em maio de 1944, teve como vencedor unânime Antonio Caringi, com seu projeto denominado “O Pacificador”. Artista obstinado quando se propunha a representar algum personagem ou fato histórico, Caringi não poupou esforços na construção dos detalhes em suas maquetes de gesso para contextualizar os seus “cenários”. Percebemos essa dedicação na procura por agregar dados fidedignos e informação a sua obra, assumida pelo próprio artista em algumas entrevistas concedidas a periódicos cariocas.

No projeto “O Pacificador”, Caringi busca representar, em esmerado trabalho escultórico, passagens alusivas à vida militar e política de Caxias; narra visualmente, com riqueza de detalhes, tanto episódios importantes desempenhados pelo estrategista militar, como a “pacificação” da Província de São Pedro em 1º de março de 1845 – onde há dez anos havia sido iniciada a rebelião republicana conhecida como Revolução Farroupilha – como fatos ocorridos durante a Guerra do Paraguai, contra o exército de Solano Lopes.

Grandioso no tamanho e na concepção, este foi um dos trabalhos em que o escultor pelotense mais se empenhou para produzir e reproduzir suas ideias. Certamente constituiu-se, também, em umas das maiores frustrações de sua carreira artística pelo fato de não ter sido concretizado em pedra e bronze. Após o lançamento da pedra fundamental do monumento a Caxias, no dia 01 de março de 1945, no Parque Farroupilha, as negociações para seu erguimento não evoluíram, e ele não foi concretizado. A salvaguarda da maquete de gesso executada por Antonio Caringi foi entregue ao Museu Julio de Castilhos, em Porto Alegre. No entanto, somente a estátua equestre do Duque de Caxias se encontra nessa instituição, como o único elemento restante do projeto. Localizada e identificada pelo historiador e professor José Francisco Alves aproximadamente em 1999 nesse mesmo local, a peça foi restaurada recentemente, pois havia sofrido grave deterioração. A figura 1 mostra a dimensão do projeto que, se concretizado, teria uma estátua equestre em bronze fixada sobre um pedestal de granito de aproximadamente 20 metros de altura, tendo nas quatro laterais de sua base, grupos escultóricos e baixos-relevos representando cenas da trajetória de Duque de Caxias.

Figura 1: Maquete em gesso monumento a Caxias (esquerda); estátua equestre em detalhe (direita).



Fonte: Livro Caringi, 1944. Ilustração CXIX e CXXV.

A figura 2 mostra, em detalhe, um dos grupos escultóricos que seria instalado à esquerda, em perspectiva frontal na lateral do imenso pedestal. Nele, Caringi pretendia representar o momento em que Antônio Vicente da Fontoura expunha aos farroupilhas os pontos para as tratativas de um acordo de paz.

Figura 2: Grupo escultórico representa a negociação para o “Tratado de Ponche Verde”.



Fonte: Livro Caringi, 1944. Ilustração CXXXIII.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia, além do apoio da bibliografia mencionada e da pesquisa em periódicos, priorizou o estudo de uma importante obra do escultor, em grande parte perdida, publicada em um livro raro editado em 1944 pela Sociedade Felipe de Oliveira. A partir do projeto em gesso confeccionado por Caringi, foram realizadas comparações em busca de informações complementares para outras obras do artista.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao estudar o projeto de Antonio Caringi para o Monumento a Caxias, foi possível adentrar na personalidade artística do escultor. Na observação atenta dos grupos escultóricos presentes nas maquetes produzidas pelo escultor para esse monumento, importantes relações com outras obras do artista foram obtidas. Dentre elas, destaco a revelação da origem de uma conhecida obra, a “Cabeça do Índio Charrua”, cuja associação até então não fora realizada, embora esteja claramente presente em um grupos escultóricos integrantes das maquetes (Figura 3).

Figura 3: Detalhe do grupo escultórico “Visita de Caxias a Canabarro” (esquerda); obra “Cabeça de Índio Charrua” (direita).



Fonte: Livro Caringi, 1944. Ilustração CXXXVI e CXXXVII.

#### 4. CONCLUSÕES

As imagens fazem parte de um livro raro, acervo de poucos colecionadores. Os escassos exemplares existentes em bibliotecas possuem acesso limitado aos leitores, pela impossibilidade de empréstimos. Ao difundir informações acerca de uma obra em grande parte perdida, e que foi publicada em um livro de acesso restrito, esse estudo auxilia a difundir a documentação fotográfica de um trabalho que, se concretizado, se constituiria em um dos maiores monumentos erguidos no Brasil.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antonio Caringi.** Rio de Janeiro: Sociedade Felipe d'Oliveira, 1944. Impresso nas oficinas gráficas da Livraria do Globo, Porto Alegre, RS.
- ALVES, José F. **A Escultura Pública de Porto Alegre:** história, contexto e significado. Porto Alegre: Artfolio, 2004. 264p.
- PAIXÃO, Antonina Z. da. **A escultura de Antonio Caringi:** conhecimento, técnica e arte. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária Ufpel, 1988.
- TILL, Rodrigues. Antonio Caringi – **O escultor do Rio Grande do Sul em seu centenário.** Porto Alegre, Ed. Evangraf, 2005.
- SÁ, V. F. **Caringi: Um nome ligado à arte.** 1973. Monografia (Didática do Ensino, Série Única, Faculdade de Filosofia) Universidade Católica de Pelotas.

##### Documentos eletrônicos

Jornal “A Noite” (RJ), edição 22 de outubro de 1943, p. 8. Disponível em: [https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970\\_04&pasta=ano%20194&pesq=caringi&pagfis=23401](https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_04&pasta=ano%20194&pesq=caringi&pagfis=23401)

Jornal “Diário da Noite” (RJ), edição 22 de janeiro de 1945, p. 12. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=221961\\_02&pagfis=26317&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=221961_02&pagfis=26317&url=http://memoria.bn.br/docreader#)